

## *O cinema como instância formativa de professores<sup>1</sup>*

Maria do Carmo Souza de Almeida<sup>2</sup>  
Sandra Pereira Falcão<sup>3</sup>  
Prof. Dr. Adilson Odair Citelli<sup>4</sup>  
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP  
Universidade de Taubaté, Taubaté, SP

### **RESUMO**

A intenção deste artigo é promover uma reflexão sobre o estreito vínculo ente o jovem e a tecnologia na atualidade e as repercussões dessa conexão para pensar o processo educativo. De um lado, acreditamos que é necessário levar para as licenciaturas discussões essenciais sobre as transformações ocorridas nas últimas décadas motivadas, sobretudo, pelos usos dos meios de comunicação e informação. De outro, pesquisadores de diferentes áreas vêm defendendo, há algumas décadas, o uso do cinema em sala de aula como recurso e objeto pedagógico. Logo, partimos da hipótese de que, por meio dos filmes, podemos incluir, nos cursos de formação para docência, o debate acerca de qual seria o ponto de equilíbrio entre o ser e a técnica; ou melhor, como pensar essa integração de uma perspectiva mais humanizadora.

**PALAVRAS-CHAVE:** cinema, educação; licenciaturas

### **1. Introdução**

Na contemporaneidade, é fato a impossibilidade de refletir sobre os fenômenos sociais sem considerar o lugar estratégico que os meios de comunicação ocupam (CITELLI, 2011a; MARTÍN-BARBERO, 2010, 2006; CASTELLS, 2007, 2010; HALL, 2006; GIDDENS, 1991, 2002; IANNI, 1994; HARVEY, 1993). Entendemos, portanto, que não é mais plausível hoje discutir questões relacionadas à área da Educação sem pensar o campo da Comunicação. Dessa forma, estreitando mais um pouco, consideramos que os cursos de formação docente precisam necessariamente incluir em seus currículos um efetivo debate sobre alterações na vida social atual decorrentes da centralidade dos *media*. Fazemos tal afirmativa tendo em vista que, segundo Citelli (2010, 2011b), apesar de os professores

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 6 GP Comunicação e Educação no XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade de Taubaté (UNITAU) e Doutoranda em Ciências da Comunicação (PPGCOM) da ECA/USP. Professora da Universidade de Taubaté. Endereço Eletrônico: mcsalm@usp.br

<sup>3</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM) da USP; professora do Centro Educacional Objetivo- SP. Endereço eletrônico: sanfalcao@usp.br.

<sup>4</sup> Orientador do trabalho. Professor da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

jovens terem “vínculos naturalizados” com as diversas tecnologias, as licenciaturas ainda não os estão preparando para entender os processos comunicacionais vigentes hoje.

Partindo dessas considerações, neste artigo, nossa proposta é refletir sobre o estreito vínculo ente o jovem e a tecnologia na atualidade e as repercussões dessa conexão para pensar o processo educativo. Nossa hipótese é de que, por meio do cinema, podemos incluir, nos cursos de formação para docência, o debate acerca de qual seria o ponto de equilíbrio entre o ser e a técnica; ou melhor, como pensar essa integração de uma perspectiva mais humanizadora (SODRÉ, 2012). Além disso, os filmes, como documentos e discursos que são, representam, questionam e também legitimam a cultura que os produzem; logo, a importância essencial estudá-los.

Neste artigo, sugerimos um trabalho com dois filmes. Com o primeiro, *Denise está Chamando do diretor* Hal Salwen<sup>5</sup>, é possível perceber metáforas (VILCHES, 2003) das alterações nos modos de vida contemporâneo, e, por conseguinte, dos modos de ser e de estar na sociedade atual decorrentes da onipresente cultura midiática em nossas vidas. Logo, a película observada tanto do plano da forma quanto do conteúdo, permite, por exemplo, refletir sobre conceitos tais como sociedade em rede e interatividade; novas configurações do espaço/tempo; reflexividade e ambivalência constitutivas das identidades pós-modernas, dentre outros que as limitações deste artigo não possibilitam abarcar.

Com o segundo, *As melhores coisas do mundo*<sup>6</sup> de Laís Bodanzky, podemos, além de considerar os conceitos citados, discutir como um segmento da juventude brasileira está sendo mostrado nas telas em suas relações com os meios comunicativos. Não temos a intenção de fazer uma análise exaustiva dos filmes cuja abordagem permite perspectivas diversas, mas somente sugerir alguns pontos específicos que poderiam ser explorados em um trabalho nas licenciaturas sobre como as películas mencionadas representam a relação dos jovens com a tecnologia na atualidade.

## 2. Os filmes como instâncias formativas

Já há algumas décadas, pesquisadores de diferentes áreas abordam o uso de filmes em sala de aula a partir de diferentes perspectivas (SETTON, 2004, 2010; MORAES, 2004;

---

<sup>5</sup> Título no Brasil: *Denise Está Chamando*. Título Original: *Denise Calls Up*. País de Origem: USA. Gênero: Comédia. Tempo de Duração: 80 minutos. Ano de Lançamento: 1995. Direção: Hal Salwen.

<sup>6</sup> Título: *As melhores coisas do mundo*. País de origem: Brasil. Gênero: Drama. Tempo de duração: 107 minutos. Ano de Lançamento: 2009. Direção: Laís Bodanzky.

FRANCO 1993, 1997; DUARTE, 2002; NAPOLITANO, 2005, 2007, 2010; MORETTIN, 2000, 2007; KORNIS, 2008; XAVIER, 2009,).

Setton (2004) e Moraes (2004), por exemplo, sustentam que um trabalho com as películas na escola implica utilizá-las como recurso pedagógico e como objeto de análise e reflexão sobre realidade que elas querem representar. Para Setton, qualquer produto da mídia pode ser estudado no espaço escolar desde que antes seja submetido “a uma análise crítica e interpretativa” pelo professor. (SETTON, 2004, p. 67). A autora ressalta ainda que junto com a família, a escola e as instituições religiosas, as mídias podem ser vistas como agentes de socialização, ou matrizes de cultura (MARTÍN- BARBERO, 2008; SETTON, 2010), visto que elas também possuem um papel educativo. Ou seja, são disseminadoras de valores, crenças, normas de comportamento para toda a sociedade. Entretanto, segundo Setton (2004; 2010), as gerações mais jovens sofrem influência mais direta, em virtude da maior proximidade com os meios, daí a necessidade do espaço escolar atentar para esse fato. Para que o professor possa, então, utilizar-se das mídias em suas aulas, Franco (1997) defende incluir estudos sobre as linguagens audiovisuais nas licenciaturas a fim de formar uma “cidadania audiovisual docente”. Corroborando com ela Duarte (2002) para quem a prática social de assistir a filmes é essencial na formação intelectual e educacional das pessoas.

Napolitano (2007, 2010), Morettin (2000, 2007), Kornis (2008) e Xavier (2009), entendendo o filme como documento e discurso, manifestam-se a favor de um trabalho com ele que parta dele próprio, isto é que não seja utilizado só como pretexto para o professor discutir conteúdos em sala de aula. Assim, é essencial observar a narrativa fílmica a partir das diferentes linguagens que a compõem. Esses autores ressaltam ainda que a análise de um filme observado como documento histórico é um meio não só de estudar o passado representado nas telas, mas também de perceber o presente do momento da produção.

### **3. Comunicação e Educação: o ser e a tecnologia**

Dentre os vários desafios que a comunicação impõe à educação na atualidade, segundo Baccega (2011, p.34), está o de pensar a tecnologia em todo o seu alcance, isto é, atentar para lugar ocupado por ela na “formação dos alunos, dos cidadãos, da sociedade contemporânea nos vários âmbitos”. A autora e vários estudiosos são unânimes em afirmar que o debate não comporta uma perspectiva meramente instrumental e reducionista no sentido de endeusar a técnica, como se ela fosse a salvação dos problemas da educação; ou

endemoniá-la como se fosse a causa deles. O professor Adilson Citelli<sup>7</sup> pondera que a discussão é de outra ordem; o foco não é o uso ou não das tecnologias no ambiente educativo. Ele menciona Martin Heidegger (2006) para quem o mais importante era desvelar a essência da técnica e não discutir o aspecto instrumental. Segundo Rüdiger (2006, p.13), pensar a técnica da perspectiva de Heidegger denota “indagar de onde provém sua hegemonia e valorização, de onde vem seu imperialismo planetário. Significa procurar onde se origina sua força estranha, fascinante e perturbadora aos olhos da humanidade”.

Setton (2010) considera que o ambiente cultural da atualidade é inédito em virtude das redes de comunicação virtual ou ciberespaço; e esse é o ponto central. Ela faz uma retrospectiva histórica e afirma que as tecnologias responsáveis pelo surgimento do ciberespaço e da cibercultura surgiram no século XIX com o aparecimento do telégrafo elétrico, do telefone, do telégrafo por ondas hertzianas e do cinema. Porém, as denominadas novas tecnologias surgem na segunda metade do século XX “com a fusão das telecomunicações analógicas com a informática, possibilitando a veiculação sob um mesmo suporte — o computador — de diversas formatações de mensagens” (SETTON, 2010, p. 89). Para Setton (2010, p.90), a cibercultura, ou a cultura da contemporaneidade, é, portanto, “a relação nova que se estabelece entre a técnica e a vida social”. Ela ressalta ainda que a

“tecnologia não é um ator separado da sociedade e da cultura. Ao contrário, as técnicas são imaginadas, fabricadas e reinterpretadas durante seu uso pelos homens, como é o próprio uso intensivo de ferramentas que constitui a humanidade enquanto tal. O mundo humano é, ao mesmo tempo, técnico e cultural” (SETTON, 2010, p.90-91).

Sob a ótica da socióloga, a cibercultura proporciona uma “dimensão socializadora”. Ou seja, caracteriza a

“formação de uma sociedade estruturada através de uma conectividade telemática generalizada, ampliando o potencial comunicativo, proporcionando a troca de informações sob as mais diferentes formas, bem como fomentando agregações sociais” (SETTON, 2010, p.91).

Uma das indagações de Sodré (2012, p.159), em seu livro mais recente, é qual é a medida adequada de relacionamento do homem com a tecnologia; isto é, como pensar o

---

<sup>7</sup> Em entrevista concedida a Sartori, Giraldi e Liz (2011).

equilíbrio entre o ser e a técnica na contemporaneidade. Ele questiona também sobre o que acontece quando a cultura e o próprio meio ambiente são progressivamente produzidos pela tecnologia passando a exigir um núcleo de identidade sem separação radical entre o homem e a técnica. Para responder as interrogações, Sodré (2012) parte do pressuposto de que a cultura e o meio ambiente estão entrelaçados ao desenvolvimento do espaço urbano na modernidade. Assim,

O tecido urbano com suas ruas, avenidas edifícios reproduz-se à imagem da própria economia: centralização progressiva de funções, exclusão sistemática de elementos não operacionais, vigilância e controle dos espaços, socialização capitalista. A fábrica, a usina são modelos históricos dessa socialização e dessa realização da força de trabalho, que desencadeavam as reações das classes sociais mas que também comportavam solidariedades de tipo comunitário [...]. (SODRÉ, 2012, p.162).

Esses modelos esgotaram-se e a organização da vida social pós-moderna incorpora uma ordem impactada pela tecnologia. As redes não são novidades, pois elas já estavam presentes na organização das cidades modernas. O novo consiste na lógica reticular que abarca “as relações sociais e os sistemas de produção e das trocas de qualquer espécie” (SODRÉ, 2012, p.166). Sodré (2012) menciona que a reorganização das cidades em redes (CASTELLS, 2007, 2010) nos remete ao velho panóptico de Jeremy Bentham descrito por Foucault (1977) em seu livro *Vigiar e Punir*, mas agora de uma forma que não há só um vigia controlando todos os demais e sim cada indivíduo torna-se o vigilante dos outros, na medida em que estamos rodeados de diferentes aparatos tecnológicos, tais como gravadores, câmeras de segurança, etc. Sodré (2012) ainda menciona que também podemos falar de um *panóptico invertido*, ou seja, “a vigilância não mais consiste no olhar controlador de outro, mas no olhar do próprio controlado, que é social e tecnologicamente dirigido para as telas e os monitores, através dos quais se espelham as simulações do real, os modelos de mundo a serem consumidos” (SODRÉ, 2012, p.167). De acordo ainda com Sodré (2012, p.167), essa inversão iniciou-se na segunda metade do século passado em detrimento do “alargamento da esfera pública pela televisão aberta e generalista”. O autor acrescenta que, no final da metade do século XX, na passagem do paradigma industrial (tecnologia de motores) para o paradigma informacional (tecnologia eletrônica), “o espaço público passou a ser progressivamente absorvido pela indústria de conteúdos culturais como conexão apenas remota com o sistema educacional” (SODRÉ, 2012, p.170). Apesar de a indústria cinematográfica ter exercido uma função educadora ao longo do século passado, a

televisão despontou como ícone do espaço público, e agora, na atualidade, com a internet, configura-se a nova lógica da interatividade e das redes (SODRÉ, 2012). Cumpre mencionar o alerta que o sociólogo faz de que as novas tecnologias digitais não abalam as analógicas; ao contrário, potencializam-nas.

A fim de expandirmos um pouco mais a discussão recorreremos ao artigo de Sibilía (2012), cuja proposta é também discutir como as tecnologias afetam os sujeitos da sociedade contemporânea e as implicações disso para a relação desses indivíduos com o espaço escolar. Ela inicia suas considerações afirmando que a instituição escolar tradicional poderia ser pensada como um dispositivo destinado a produzir algo, logo, seria “um aparelho historicamente configurado”. Quando foi criada tinha em vista determinados “corpos e subjetividades”; entretanto, para a geração atual, esse modelo escolar não atende mais. Ainda segundo a autora, a incompatibilidade da escola com os jovens de hoje cresce na mesma proporção em que eles se ajustam cada vez com mais intimidade às recentes tecnologias da informação e da comunicação. Sibilía (2012) menciona que esse fenômeno não é eventual, há todo um contexto histórico que proporcionou essa incompatibilidade entre o espaço educativo e “os modos de ser” atuais. Ela também recorre a Foucault (1977) o qual realiza uma comparação entre esse modelo escolar das sociedades industriais com as prisões e o exército. Ou seja, por meio de práticas e discursos, as crianças e jovens daquele período eram “modeladas” para adequarem-se às necessidades vigentes. Esse modelo de escola foi tão eficiente em suas intenções que ainda é o mesmo no século XXI. Estava associado a uma cultura marcada pelo uso da leitura e da escrita e não acompanhou as transformações sociais ocorridas, sobretudo, em detrimento da onipresença dos meios comunicativos, visto existir hoje um predomínio das linguagens audiovisuais. Em síntese, a autora nos alerta para o fato de que as gerações atuais não estão mais sob o domínio do modelo prisional abordado por Foucault (1977); mas pelo da sociedade em rede (CASTELLS, 2007, 2010), onde cada um é livre para conectar-se aos demais como quando e onde quiser. É fato, portanto, que as tecnologias da informação e da comunicação respondem por um novo modo de organização das estruturas sociais que colaborou para definir traços distintivos na sociedade contemporânea, marcada pela presença e pelo funcionamento de redes interligadas (CASTELLS, 2007, 2010). Giddens (2010) e Hall (2006) apontam que as alterações trazidas pelos meios comunicativos afetam a constituição identitária dos sujeitos. Se outrora, no período pré-moderno, os indivíduos agiam mais por tradição, hoje haveria mais possibilidades de escolhas e, logo, mais necessidade de ação

reflexiva por parte deles. Isso significa também mais riscos e incertezas (GIDDENS, 2010). Assim, as identidades rígidas, na atualidade, não têm lugar; pois elas são ambivalentes e é preciso mantê-las em contínua construção em virtude das rápidas e frequentes modificações da “modernidade líquida” (BAUMAN, 2005). Para Bauman (2005), as pessoas estão em busca de segurança, pertencimento, e o fazem nas redes; todavia, as comunidades virtuais não são capazes de oferecer a segurança desejada. Saber conviver com a incerteza, é essencial.

#### **4. Os discursos fílmicos**

##### **4.1 *Denise Está chamando***

A primeira sequência de *Denise Está chamando* nos revela alguém acordando pela manhã e antes mesmo de sentar-se na cama, retira o telefone do gancho e, então, levanta-se com o aparelho na mão e caminha até uma sala onde podemos ver uma mesa cheia de pratos de doces e salgados intactos. O telefone toca, a personagem atende, e enquanto fala com a amiga do outro lado da linha, vai jogando a comida no lixo. A amiga é Gale, que se desculpa por não ter comparecido, no dia anterior, à festa da personagem que acabara de acordar. No prosseguimento do diálogo, ficamos sabendo que ninguém fora à festa. Esse é o tom do filme escrito e dirigido por Hal Salwen. A história abrange um grupo de “amigos” — Gale, Frank, Barbara, Jerry, Martin e Linda — que se relacionam unicamente por contatos telefônicos. Não têm tempo para encontros face a face. Nem para almoço, festa, namoro e até o enterro de Gale. Estão sempre trabalhando em seus computadores, principalmente, em casa. Gale e Frank haviam sido namorados no passado, e, embora mantivessem contato frequente pelo telefone, não se viam pessoalmente havia seis anos. Barbare e Jerry entram em contato porque Gale fornece um ao outro seus números de telefone. Eles vivenciam um “romance” com início, meio e fim sem nunca se encontrarem. Há uma sétima personagem — a Denise, que protagoniza a história principal do filme. Denise está grávida porque fez inseminação artificial. Ela descobre quem é o doador do sêmen, Martin, e liga para ele com o intuito de conhecê-lo. No final do filme, são os únicos que se encontram. Denise, Martin e o bebê recém nascido.

Explorando o filme em sua forma, podemos dizer que o diretor faz uso quase o tempo todo do plano médio, *close*, o *close-up* ou primeiríssimo plano. Os personagens e cenário nunca são focados por inteiro, e há muitas cenas de fragmentos tanto dos corpos dos

protagonistas como dos ambientes. Aliás, os “protagonistas” principais, o telefone e os computadores, estão sempre em cena. Segundo Vilches (2003), o protagonista e “objeto mágico” do filme é mesmo o telefone, que tem a função de manter os personagens em contato; e simultaneamente separados. O “segundo objeto mágico” é o computador que, de certa forma, impede os encontros de acontecerem. Os planos e as cores escuras provocam certa sensação claustrofóbica. No dizer de Vilches (2003, p.75), o filme explora um espaço minimalista “no interior do qual se constrói uma circularidade de subjetividades”. São pouquíssimas cenas dos personagens ao ar livre, com exceção de Denise que aparece sempre ou deslocando-se em diferentes meios de transporte ou ao ar livre.

No plano do conteúdo, o filme poderia ser utilizado para discutirmos justamente a questão acerca do equilíbrio na relação do homem com a técnica. E essa discussão sem dúvida nos remeteria ao que Wolton (2006) aponta sobre o fato de estarmos cada vez mais conectados e cada vez mais sozinhos. Também poderia nos reportar ao que afirma Bauman (2005) quando cita que enviar mensagens e bater papo pelo celular é uma saída para aqueles que querem manter o contato “sem os desconfortos que o verdadeiro contato reserva” (BAUMAN, 2005, p. 76); ou menciona o jovem que defende o “namoro” virtual porque quando não se quer mais contato com o parceiro, é só “deletar”. Para Bauman,

esse modo reduzido de relacionar-se , ‘menos importuno’, se ajusta a todo o resto — ao líquido mundo moderno das identidade fluidas, o mundo em que o aspecto mais importante é acabar depressa, seguir em frente e começar de novo, o mundo de mercadorias gerando e alardeando sempre novos desejos tentadores a fim de sufocar e esquecer os desejos de outrora.

O prêmio é a liberdade de seguir adiante, mas a opção que não temos a liberdade de fazer é parar de nos movimentar. (BAUMAN, 2005, p.76-77).

Na sociedade da rapidez, a intimidade do contato verdadeiro permite o diálogo genuíno, o que é muito arriscado, segundo Bauman (2005). Em *Denise Está Chamando*, o “relacionamento” de Jerry e Barbara ilustra essa ambivalência das identidades líquidas da contemporaneidade. Vilches (2005) destaca que esse filme revela muitas metáforas das transformações pelas quais passa a sociedade contemporânea. Por exemplo, a relação tempo/espaço, abordada por Giddens (1992, 2002), visto que a rotina de trabalho é toda no ciberespaço. Não há circulação pela cidade. Tudo se passa nas próprias residências. Muitos

poderiam ser os pontos de entrada para pensar esse filme, só estamos sugerindo alguns.

#### 4.2 *As melhores coisas do mundo*

Em *As melhores coisas do mundo* a história desenvolve-se em torno do jovem Hermano, sua família e seus amigos. O cenário é a cidade de São Paulo e a escola de classe média onde o protagonista, Mano, como é chamado, estuda. Vários são os temas, relacionados ao dia a dia dos jovens, que perpassam a narrativa fílmica, tais como lidar com os dilemas familiares e escolares; vivenciar aventuras amorosas; saber conviver com as diferenças e vários outros. O filme foi inspirado em uma série de literatura juvenil — *Mano: Cidadão-Aprendiz* — de autoria de Heloisa Prieto e Gilberto Dimenstein.

Para nós, interessa destacar a presença constante das tecnologias a influência que elas exercem no cotidiano dos personagens ao longo das várias sequências que ilustram diferentes momentos da vida de Mano, irmão e amigos. Poderíamos dizer que aqui também, tal como em *Denise*, os aparatos técnicos são igualmente protagonistas juntamente com os personagens, pois os vários acontecimentos em suas vidas são perpassados pelas redes sociais —sobretudo os blogs —, as filmadoras e os celulares com suas redes *Bluetooth*. Contudo, interessa pontuar, tal como defende Sodré (2012) e outros autores, que as tecnologias digitais não retiraram de cena outras formas de comunicação. O filme retrata que ainda há espaço para a comunicação no mural escolar e no diário pessoal que a melhor amiga de Mano, a Carol, escreve. Na verdade, um pequeno caderninho no qual a menina registra suas indagações e descobertas.

Há intensa intimidade entre os jovens e os dispositivos técnicos com os quais interagem; todavia, não parece haver tal conexão com o espaço educativo que frequentam. A escola, embora devidamente equipada com laboratórios e computadores, não parece motivá-los; a não ser nos intervalos que evidenciam o quanto os celulares e outros aparatos técnicos são quase extensões dos corpos juvenis. Há um evidente contraste entre o modelo escolar tradicional e toda a tecnologia a que estão expostos e os rodeia.

Os blogs e as mensagens dos celulares são os centros irradiadores das notícias, e, rapidamente qualquer novidade espalha-se em segundos pelos corredores escolares. Em um dado momento, Mano, afirma “*essa escola é um Big Brother do mal, tá todo mundo vigiando todo mundo*”. Percebemos que a fala do protagonista nos remete ao que afirma Sodré (2012) sobre o novo *panóptico* em que vigilância constante é propiciada pelas

sociedades em rede. Entretanto, como em *Denise Está Chamando*, embora rodeados de dispositivos que facilitam a comunicação, os jovens são representados como muito solitários em sua busca de crescer. Por exemplo, nem Mano, nem seu irmão conseguem dialogar como o pai, professor que ministra a disciplina Teoria da Comunicação na universidade.

No plano da forma, a diretora, com uma câmera ágil, explora bem a dinamicidade da vida moderna na metrópole paulistana. Com sequências curtas e planos médios, *close* e *super close*, e ângulos diferenciados, Bondanzky ao mesmo tempo enfatiza a agilidade característica tanto dos jovens, quanto dos tempos atuais. Em outros momentos, consegue demonstrar as angústias, as incertezas e as alegrias dos personagens. Ou seja, a câmera nos convida a vivenciar junto com Mano, suas descobertas e seus dramas.

## 5. Considerações Finais

O objetivo primeiro deste artigo foi ponderar sobre as estreitas ligações entre os jovens e os aparatos tecnológicos na sociedade contemporânea. Além disso, pensar como se dão as relações dessas gerações em rede com os familiares, com os amigos e com o ambiente educativo que frequentam diariamente. Defendemos que essas reflexões precisam e devem ser feitas por todos os que formal ou informalmente estão envolvidos com a educação na atualidade. Portanto, cremos que urge levar para os cursos de formação docente tais discussões. Para tanto, optamos por sugerir um trabalho com filmes, porque além de entendermos que o conceito de leitura na escola precisa ser ampliado para incluir a leitura das linguagens audiovisuais, também consideramos que é essencial que o espaço escolar entenda a urgência de incluir nos currículos os conteúdos midiáticos aos quais os jovens estão expostos diariamente. Aliás, a conversa, o diálogo, não deve abarcar só os conteúdos, mas também como a nossa vida cotidiana está atravessada pelas tecnologias. Ou seja, como os diferentes dispositivos realizam a mediação dos contatos que estabelecemos com os outros indivíduos e quais as consequências do excesso, isto é, de nos amalgarmos de tal forma aos aparatos tecnológicos e perdermos a perspectiva da humanidade em meio a sociedade da cibercultura. Em *Denise Está chamando*, a desumanização evidencia-se na cena em que nem mesmo a perda da colega, amiga ou parceira interrompe as atividades dos personagens, e o único que tenta, desiste e retorna. Em *As melhores coisas do mundo*, o jovem irmão de Mano confia o seu drama a seu blog, que, de certa forma, representa o próprio dispositivo em si, a máquina, e

simultaneamente uma multidão de desconhecidos. Questionar qual é o ponto de equilíbrio entre o ser e a técnica no espaço educativo talvez seja um meio de se pensar uma forma de educação mais preocupada, sobretudo, com o elemento humano em si.

## 6. Referências

BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica. In: CITELLI, Adilson.O.; COSTA, Maria Cristina. C. (Orgs.). *Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento*. São Paulo: Paulinas, 2011.p.31-4.

BAUMAN, Zigmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CASTELLS, Manuel. Internet e sociedade em rede. In: MORAES, D. de.(Org.). *Por uma outra Comunicação: mídia, mundialização cultural e poder*.5.ed.Rio de Janeiro: Record, 2010.p. 255-287.

\_\_\_\_\_. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

CITELLI, Adilson O. Comunicação e Educação: implicações contemporâneas. In: CITELLI, Adilson. O.; COSTA, Maria Cristina. C. (Orgs.). *Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento*. São Paulo: Paulinas, 2011a.p.59-76.

\_\_\_\_\_. *Educomunicação: um registro de pesquisa*. In: Revista do Programa de Pós-graduação em educação. Florianópolis, v.12, n.02, jul/dez. 2011b. p.08-17.

\_\_\_\_\_. Linguagens da comunicação e desafios educacionais: o problema da formação dos jovens docentes. In: *Comunicação & Educação: Revista do curso Gestão da Comunicação*. São Paulo: CCA/ECA/USP: Paulinas, ano XV, n.1, jan/abr. 2010.p.15-26.

DUARTE, Rosália. *Cinema & Educação*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FRANCO, Marília. A natureza Pedagógica das Linguagens Audiovisuais. In:FALCÃO, Antônio R.; BRUZZO, Cristina (coords). *Cinema: uma introdução á produção cinematográfica*. 2.ed. São Paulo: FDE. Diretoria Técnica, 1993. 9série Lições com cinema, n.1). p11-29.

\_\_\_\_\_. Linguagens Audiovisuais e Cidadania. *Comunicação & Educação*, São Paulo, n.9, p.32-35, maio/ago.1997.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*. 13.ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1977.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

\_\_\_\_\_. *As conseqüências da Modernidade*. São Paulo: Editora UNESP,1991.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1993. (parte IV)

HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e conferências*. 7.ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2006.

IANNI, Octavio. *Globalização: novo paradigma das Ciências Sociais*. Revista estudos avançados. São Paulo: USP/IEA, vol.8,21. 1994.

KORNIS, Mônica. *Cinema, Televisão e História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação do novo século*. In: MORAES, Dênis. (Org.). *Sociedade Mediatizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

\_\_\_\_\_. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 5.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

\_\_\_\_\_. *Globalização comunicacional e transformação cultural*. 2010. In: MORAES, Dênis. (Org.). *Por uma outra Comunicação: mídia, mundialização cultural e poder*. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 2010. p. 57-86.

MORAES, Amaury Cesar. *A escola vista pelo cinema: uma proposta de pesquisa*. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *A cultura da mídia na escola: ensaios sobre cinema e educação*. São Paulo: Annablume:USP, 2004.p. 53-65.

MORETTIN, Eduardo. *Cinema Educativo: uma abordagem histórica*. *Comunicação & Educação*, São Paulo, n. 4, p. 13 -19, set./dez.2000.

\_\_\_\_\_. *O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro*. In: CAPELATO, Maria Helena et. al. *História e Cinema: dimensões históricas do audiovisual*. São Paulo: Alameda, 2007. p. 65-83.

NAPOLITANO, Marcos. *Como usar o cinema na sala de aula*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2005.

\_\_\_\_\_. *A escrita fílmica da história e a monumentalização do passado: uma análise comparada de Amistad e Danton*. In: CAPELATO, Maria Helena et. Al. *História e Cinema: dimensões históricas do audiovisual*. São Paulo: Alameda, 2007. p. 65-83.

\_\_\_\_\_. *A história depois do papel*. In: PINSKY, Carla. B. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 235-289.

RÜDIGER, Francisco. *Martin Heidegger e a questão da técnica: prospectos acerca do futuro do homem*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

SARTORI, Ademilde S.; GIRALDI, Patricia M.; LIZ, Lucilene, L. de. *Entrevista com o Dr. Adílson Citelli*. In: *Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação*. Florianópolis, v. 12, n.02, p.197-205, jul./dez.2011.

SETTON, Maria da Graça. *J.Cinema: instrumento reflexivo e pedagógico*. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *A cultura da mídia na escola: ensaios sobre cinema e educação*. São Paulo: Annablume:USP, 2004.p. 67-79.

\_\_\_\_\_. *Mídia e educação*. São Paulo: Contexto, 2010.

SIBILIA, Paula. *A escola no mundo hiperconectado: Redes em vez de muros?*In: *MATRIZES*. n.2.ano5. jan./jun. 2012. p.195-211.

SODRÉ, Muniz. *Reinventando a educação: diversidade, descolonização e redes*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

VILCHES, Lorenzo. *A migração digital*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

WOLTON, Dominique. *É preciso salvar a comunicação*. São Paulo: Paulus, 2006.

XAVIER, Ismail. Progresso, disciplina fabril e descontração operária: retóricas do documentário brasileiro silencioso. *ArtCultura*, Uberlândia, 11 (18):09 -24, jan.-jun.2009.